

MÚSICA
13 MAIO 2016

SÖNDÖRGÖ

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Lead tambura, tambura samica, derbuka, voz, tambura alto Áron Eredics Kontra tambura, trompete, voz Benjamin Eredics Clarinete, saxofone, kaval, tambura, tambura alto, voz Dávid Eredics Acordeão, flauta pastoril, hulusi, tambura alto, tambura violoncelo Salamon Eredics Tambura contrabaixo, tambura violoncelo, tapan, voz Attila Buzás

Sex 13 de maio
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M6

Söndörgő e a música dos Eslavos do Sul

Os povos eslavos são muito diferentes entre si, genética e culturalmente. Em geral são classificados em eslavos ocidentais (checos, eslovacos, polacos e outros), eslavos orientais (russos, bielorrussos, ucranianos) e eslavos do Sul (sérvios, croatas, macedônios, búlgaros...).

Os dados genéticos apontam para uma origem comum. Descendem de um ramo indo-europeu que se estabeleceu, vários séculos antes de Cristo, no território que agora é a Ucrânia, e daí partiram para a Europa Central e Oriental.

Sérvios e croatas fizeram parte do Império Romano, tiveram reinos próprios, sofreram permanente instabilidade. Ficavam, e ficam, no caminho de quem vem da Ásia e quer os Balcãs, pelas vantagens próprias e pelo acesso ao Mediterrâneo. Sofreram com a invasão turca ou sob o domínio dos Habsburgos, a Casa de Áustria, a família mais influente da Europa que chegou, através dos Filipes, a reinar em Portugal. Família muito hábil na sua política de casamentos forneceu, até ao século XX, os Imperadores do Império Sacro Germânico.

Algumas comunidades sérvias e croatas, procurando abrigo sob os Habsburgos à ameaça dos Otomanos, fixaram-se em pequenas povoações ao longo do Danúbio, no que é hoje o Sul da Hungria. E ainda lá estão.

Os Söndörgő interpretam a música dessas comunidades, beneficiando dos estudos musicológicos de Béla Bartók e de Tihamér Vujicsics, aprendendo

com os mais velhos, tocando músicas tradicionais e outras que compõem “à maneira de”. Praticam o que chamam de “A música perdida dos Balcãs”. Não se limitam às tradições sérvia e croata, mas incluem as de outros povos eslavos.

Bartók, antes da Primeira Guerra Mundial, recolheu temas no território que hoje é a Sérvia e que nesse tempo integrava o Império Austro-Húngaro. No CD que estará na base do concerto desta noite, *Tamburocket – Hungarian Fireworks* (2014), o mais recente dos Söndörgő, há três temas que resultam da pesquisa de Bartók, com arranjos do grupo, duas canções recolhidas por Vujicsics junto ao rio Drava, afluente do Danúbio, na fronteira entre Hungria e Croácia e arranjos de temas da Macedónia, Bulgária e Turquia.

*

Quando pensamos em música tradicional húngara, ou dos Balcãs, os exemplos que mais depressa costumam vir à memória são as bandas em que o violino é rei, e o povo cigano um criador e intérprete magistral, ou as fanfarras com imponentes e sonoros instrumentos de sopro, misturados com percussão, muito populares na Sérvia.

Os Söndörgő usam, nas suas diversas formas, o instrumento típico dos sérvios e croatas, a tambura. A tambura pertence à grande família dos instrumentos de cordas compostos por uma caixa-de-ressonância e um braço a ela acoplado que as cordas percorrem e a que se fixam. Mas enquanto, por exemplo, alguns instrumentos africanos desse

tipo têm uma caixa-de-ressonância usando materiais pré-existentes, como a cabaça e a pele de animais, na tambura tudo é contruído pelo homem, como as nossas violas, guitarras, violinos, etc.

Há tamburas de vários tamanhos, de muito pequenas a semelhantes a violoncelos e contrabaixos, produzindo sons agudos (os pequenos) e graves (os grandes). Cada tamanho tem o seu nome, derivados, alguns, de designações usadas na música clássica europeia. Em todas elas as cordas vibram por efeito de uma palheta, uma pequena lâmina, como sucede com os cavaquinhos ou os bandolins. Não são os dedos, ou as unhas, como na viola ou guitarra, não são os arcos que deslizam pelas cordas como nos violinos ou violoncelos. Quando a corda é friccionada pelo arco, uma única nota pode ter uma longa duração. Para se obter um efeito que se aproxime, nos instrumentos em que se beliscam as cordas com dedos ou palhetas, é preciso beliscá-las a uma grande velocidade, o que exige uma técnica perfeita, como têm os Söndörgő.

A tambura dos sérvios e croatas terá vindo da Ásia do Sul e central entrando pela península balcânica. Os turcos têm instrumento parecido e já muitos defenderam, e defendem, a origem turca da tambura adotada pelos eslavos do Sul.

Há quem diga que a primeira orquestra de tamburas foi constituída na Hungria no século XIX. Como há quem conte que a última música ouvida pelo Arquiduque Franz Ferdinand, na noite antes de morrer, foi tocada por uma orquestra dessas. Na música tradicional em geral o estado da investigação não

permite responder a muitas interrogações e o que hoje se tem por verdadeiro pode ser negado amanhã. Claro que isto é assim em todo o conhecimento. Sobremaneira, como é o caso, quando a investigação está muito no princípio.

O número de cordas da tambura varia. Há padrões mais comuns, mas não há regras fixas. Os braços têm trastes (barras em intervalos estudados que permitem, com a pressão dos dedos, geralmente da mão esquerda, que as cordas vibrem daí para baixo). As tamburas são instrumentos rápidos, ágeis e precisos e a sua música atraente.

A estes instrumentos de cordas os Söndörgő juntam uns de sopro (trompete, saxofone, clarinete, flauta) e o acordeão.

A singularidade desta banda começa no instrumento que escolheram e continua, como referimos já, no tipo de música tradicional que tocam.

*

Áron, Benjamin e Salamon Eredics são irmãos. Dávid é primo dos três. Attila Buzás, amigo de todos.

Os Eredics pensam que o seu nome é croata, mas só falam húngaro. Kalman Eredics, o pai dos três irmãos, filho de uma sérvia/húngara (que ainda falava sérvio) e de um austríaco, casou com uma mulher de uma família judia vinda da Ucrânia. Esta mistura revela como é absurdo pensar em fronteiras étnicas na região. E no entanto, todos temos bem presentes as recentes guerras horríveis naquela zona, com autênticos genocídios.

Kalman e o seu irmão Gábor (pai de Dávid) formaram uma banda em 1974 inspirados por um grupo local que tocava música dos eslavos do Sul em casamentos e festas. Contou Kalman que os membros dessa banda bebiam bastante, não se podia confiar muito neles, apesar de saberem músicas antigas. A existência desse agrupamento coincidiu com um movimento revivalista da música tradicional.

Na mesma cidade em que vivia a família Eredics, morava o etnólogo e compositor Tihamér Vujicsics (1929-1975) que compunha para a orquestra de música tradicional estadual da Hungria e colecionava canções populares sérvias e croatas das comunidades húngaras. Vujicsics morreu num desastre de avião e o grupo dos Eredics, em memória do mestre, tomou o seu nome. “Tinham-nos dado um nome horrível – Jovem Grupo Folk Pomáz das Minorias – por isso ficámos contentes por nos livrarmos dele” contou Kalman que tocava na banda com o irmão.

Os membros dos Söndörgő, filhos de Kalman e Gábor, cresceram num ambiente em que a música era uma presença constante no dia-a-dia. “O meu pai comprou-me uma tambura quando eu tinha 5 anos, embora com essa idade eu não tocasse. Foi só quando o meu primo Dávid me contou que na escola iam formar uma banda que nós começámos a tocar mais seriamente”.

Para além de refazerem as canções tradicionais sérvias e croatas, os Söndörgő exploram e trabalham músicas com influências macedónias, búlgaras ou turcas.

Como os melhores grupos de música tradicional, combinam brilhantemente o respeito pela tradição, um espantoso virtuosismo e uma permanente preocupação inovadora.

São uma presença constante em Festivais na Hungria, claro, mas também pela Europa fora. Trabalharam muitas vezes com o famoso saxofonista macedónio Ferus Mustafov, com quem gravaram em 2009 o álbum *In concert*. O seu segundo CD, *Tamburising – Lost Music of the Balkans*, foi editado em 2011. O terceiro, e mais recente, já o referimos atrás, *Tamburocket – Hungarian Fireworks*. Recebeu críticas entusiásticas bem merecidas. O grupo toca cada vez melhor.

O concerto desta noite foi-nos sugerido pela audição deste álbum magnífico, pelas melodias ora nostálgicas ora palpitantes que suscitam uma vontade imensa de dançar, pela beleza dos arranjos, a subtilidade das intervenções dos instrumentos, facilmente perceptível desde que se atente não tanto à massa sonora, mas às suas componentes, o uso extremo do som quase inaudível, de tão fraco. Trata-se de uma banda excepcional. Excepcional vai ser, estamos convictos, o concerto desta noite.

Texto elaborado com recurso a informação vária recolhida na Wikipédia, no site da *Songlines Magazine* (de onde tirámos, designadamente, o discurso direto) em www.sondorgo.hu e outras fontes dispersas.

Próximo espetáculo

Guy de Cointet

Five Sisters

Teatro Sex 13, sáb 14 de maio
Peq. Auditório · 21h30 · Dur. 50 min · M12



© Sal Kroonenberg

São quatro, cinco irmãs? Ou mais? Nem elas sabem. Pelo menos quatro encontram-se nesta tarde de domingo para falarem sobre a família, emoções, trabalho... A última peça de Guy de Cointet. Maravilhosa.

Próximo espetáculo de música

The Heat Death

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 19 de maio
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Lars Jönsson

Quinteto escandinavo de música improvisada com um toque de jazz. Grandes músicos. Tudo pode acontecer.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caisotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt